

# Banqueiro compara crise do Brasil à da Chrysler

Da sucursal do RIO

O vice-presidente mundial do Bank of America, William H. Bolin, afirmou ontem, no Rio, que a situação do Brasil pode ser comparada à da Chrysler, empresa automobilística norte-americana que estava em processo quase falimentar, mas hoje apresenta excelente equilíbrio financeiro devido aos empréstimos concedidos para sua recuperação.

Na sua opinião, o Brasil continua merecendo a credibilidade da comunidade financeira internacional, mas, para resolver seus problemas de dívida externa, será necessário conjugar esforços dos bancos privados estrangeiros credores e dos seus respectivos governos. Daí porque considera importante e necessário o acordo de política econômica entre o Fundo Monetário Internacional e as autoridades brasileiras, que servirá de aval junto à comunidade financeira mundial.

Após ressaltar que esse acordo de recuperação econômica deve ser estabelecido por meio de "um programa realista e factível", o executivo do maior banco privado do mundo e um dos cinco maiores credores do Brasil destacou que apenas mediante apoio político oficial o País encontrará condições para resolver os problemas da dívida externa. Isso porque os bancos privados já cumpriram, além da sua própria capacidade, um papel muito forte na reciclagem dos financiamentos brasileiros, nos últimos anos.

William Bolin acrescentou que os bancos privados internacionais "não terão condições de, no futuro, aportar recursos na mesma proporção do passado porque também estão sujeitos a pressões de natureza regulatória dentro dos seus países". Pelo motivos apontados, defendeu a importância do respaldo oficial dos governos dos países emprestadores de dinheiro, que "só sairá mediante o acordo entre a missão do FMI com as autoridades brasileiras para que, numa segunda etapa, os recursos sejam liberados".

William Dolin desmentiu que tenha concordado com a proposta de renegociação da dívida externa brasileira no prazo de 11 anos, anunciada pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvêas. Segundo disse, "esse tipo de definição não é para ser apresentada por um banco, pois qualquer proposta neste sentido é levada diretamente ao comitê de 14 bancos, que coordena, em Nova York, as questões da dívida externa brasileira".

Esclareceu, também, que esse assunto não foi discutido no seu encontro com o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, em Brasília, tampouco com outras autoridades brasileiras da área econômica. Disse ainda, que o Brasil praticamente ajustou os principais itens da economia interna, mas "existem alguns pontos que devem ser melhor orientados, como a questão de salários, que continua dependendo do Congresso para a sua aprovação".